



RECUSA DE APRENDER O QUE É SOLIDÃO: CRÔNICAS DE DINA SALÚSTIO DOS TEMPOS DA PANDEMIA

SALÚSTIO, Dina. **Uma menina de cristal e outras crônicas.**
Lisboa: Rosa de Porcelana, 2023. 83 p.

Pablo Lemos Berned

Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, RS, Brasil

pablo.berned@uffs.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-2915-5893>

DOI

10.35520.mulemba.2025.v17n32e68551

Recebido: 26 mai. 2025

Aprovado em: 1 ago. 2025



A Mulemba adota a licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

Quando escrevo, há duas marcas que faço questão atravessarem a minha escrita: ser mulher e africana. [...] Por essa convergência de causas defendo que a África só será livre quando houver liberdade e dignidade para suas mulheres. (Salústio, 2023, p. 24)

Dina Salústio lança em 2023 *Uma menina de cristal e outras crônicas* com olhares muito particulares sobre o cotidiano, em parte impactado pela pandemia da COVID-19. Dina Salústio é Bernardina de Oliveira Salústio, nascida em 1941, na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, autora das obras *Mornas eram as noites* (1994), *A louca de Serrano* (1998), *A estrelinha Tlim, Tlim* (1998), *O que os olhos não veem* (2002), *Filha do Vento* (2009), *Filhos de Deus* (2018) e *Veromar* (2019).

Os vinte e nove textos que compõem *Uma menina de cristal e outras crônicas* foram publicados originalmente, em sua maioria – como ressalva a autora na “Apresentação” – em um intervalo aproximado de dois anos e meio, entre outubro de 2019 e fevereiro de 2022. Na ocasião, foram veiculados no *Jornal Expresso das Ilhas*, semanário sediado em Praia, capital de Cabo Verde, com circulação impressa e virtual. Posteriormente, essas crônicas foram reunidas pela Rosa de Porcelana, editora cabo-verdiana e portuguesa sediada em Lisboa, que já havia lançado o último romance da mesma autora, *Veromar*.

A publicação em livro, contudo, opta em não atrelar os textos a uma data específica, o que amplia as possibilidades de sentido da leitura. Como afirma a autora, “procurei salvaguardar a sua identidade caracterizada pelo efêmero e transitório adaptando-as ao novo corpo diferente e com novas expectativas de perenidade” (Salústio, 2023, p. 9). Neste sentido, somos convidados a acompanharmos o ponto de vista da autora e – quando os acontecimentos históricos se impõem no contexto – somos impelidos a resgatarmos de nossa própria memória episódios e sensações que nós mesmo experimentávamos no mesmo período.

Essa condição se manifesta especialmente na leitura das crônicas que trazem, como tema central, a exigência de isolamento social e de cuidados com a saúde provocados pela pandemia da COVID-19. Em “Murmúrios sobre a Covid19” e “Lentidão é beleza”, a autora reflete sobre a sua angústia diante das fragilidades que Cabo Verde possui para atender o impacto da nova doença no sistema de saúde do país. A necessidade de demonstração de afetos limitada pela pandemia estão presentes em “O beijo nos tempos da covid 19” e “Para onde foram os pássaros?”. Em “Estou nas suas mãos” e “Vamos sobreviver” predominam orientações de comportamento a fim de minimizar a chance de exposição ao vírus e à sua propagação, como que aproveitando a circulação do texto na imprensa para colaborar com a conscientização da população. Por contraste, em “O que faz uma idosa na rua?”, é narrada uma situação de risco de contágio em um hospital, demonstrando indignação com o comportamento inconsequente de certas pessoas.

Na crônica “Vinte e cinco de Abril, sempre”, a aplicação da vacina coincide com a comemoração da Revolução dos Cravos. Em outro texto, tocada pela morte inexplicada de centenas de elefantes em Botswana, a autora busca estabelecer paralelos entre esse país ao sul do continente africano e sua própria pátria. Sua digressão conduz à reflexão sobre a memória do processo de Independência de Cabo Verde e a imperiosa necessidade de repassá-las aos mais jovens:

“Nós somos as nossas próprias memórias” é a frase título desta crônica. Como estaríamos nesse longo período de confinamentos seguidos se não tivéssemos memórias que nos apoiassem, recordações que nos motivassem a não desistir? Como estariam as pessoas que se encontram no abandono se não tivessem lembranças que agitassem o silêncio em que se encontram? (Salústio, 2023, p. 75)

Aliás, uma preocupação em suas crônicas é a transmissão de memórias às novas gerações. Em “Plantei uma árvore, tenho um filho e escrevi um livro: sou uma pessoa realizada”, Dina Salústio propõe-se a provocar uma reflexão aos jovens sobre conquistas e fracassos. Ela parte de um clichê que costuma ouvir em círculos de escritores, indicado no título da crônica, e problematiza-o. Ao mesmo tempo em que revela um prazer em ouvir jovens a debater, pondera sobre os conhecimentos a serem passados para não os contaminar com as imprecisões das gerações anteriores.

Há uma constatação de dificuldade de diálogo entre gerações expressa por meio de uma história passada na noite de Natal, em “Palavras de silêncio”, quando, por um breve período em que há uma queda de internet, a família reúne-se em torno do avô que conta experiências de sua juventude. Apesar do acesso facilitado à comunicação com todo o globo, a internet pode minimizar o contato direto entre as pessoas próximas. Semelhante conclusão é desenvolvida na bem-humorada “FAIDEI! FAIDEI”, quando a autora rememora uma ocasião em que a queda de internet colapsou a emissão de receitas médicas, a venda de medicamentos e demais serviços públicos, mas, por contraste, revelou um sistema que ainda funcionava, a venda de bananas anunciadas em promoção de *Black Friday*, movido pela simplicidade e a criatividade da jovem vendedora ambulante. Toques de humor mais uma vez estão presentes em “Uma avenida frustrada”, quando são evocadas lembranças sobre etiquetas de cumprimento recebidas de um conhecido que, postas em prática, acabam em constrangimento. Logo com Dina Salústio, que se apresenta tão receptiva a demonstrações afetuosas!

As memórias da autora remontam também ao período da guerra colonial. Admitindo-se incapaz de manter amizades apenas com quem pensa de forma semelhante

a si, compartilha com seus leitores, em “Catorze de fevereiro, Dia dos Namorados”, um episódio situado provavelmente em 1963, em Lisboa. Em meio aos horrores e angústias da guerra, soube que um jovem, seu amigo dos tempos de escola, que lutava pelo exército inimigo, foi levado ferido ao Hospital Militar dos queimados. Apesar de ser um local proibido a uma estudante de Cabo Verde na metrópole, mentiu ser sua namorada para poder visitar o amigo, concluindo sobre a necessidade de falar de amor, mesmo na guerra.

As lembranças também evocam afetividades associadas aos lugares da infância. Em “Os loucos da minha cidade” e em “A cotovia do ilhéu raso”, são as pessoas e os espaços únicos que tornam tão singulares as recordações da autora. No mesmo sentido, provocada pelas saudades da beleza e o colorido de momentos especiais, a leitura de uma crônica de um contrerrâneo não-nomeado motivou a escrita de “Devolvam-me a praia da minha infância”, inclusive roubando-lhe parte do título – “com a devida consideração e respeito” (Salústio, 2023, p. 35). Neste mesmo sentido, é a leitura de obras literárias diversas que propiciam a Dina Salústio reconhecer-se como “feita de letras” (Salústio, 2023, p. 16) em “Livros e ecos”, quando evoca os volumes da sua primeira biblioteca e as experiências como leitora que a tornaram escritora.

Provocações sobre a prática de escrita de Dina Salústio podem ser encontradas em “Las estrellas solo brillan cuando el cielo está oscuro”, suscitadas pelo desafio de escrever um conto na companhia da amiga Carlota de Barros. Já o compartilhamento de reflexões sobre sua escrita perante um público de estudantes aparece em duas crônicas. Em “Se o meu país não se chamasse Cabo Verde seu nome seria Resistência”, que encerra o livro, a autora estabelece paralelos entre Cabo Verde e o Brasil, ao participar de uma conferência ouvindo jovens brasileiros problematizando dilemas de nosso país latino-americano. Neste contexto, conclui sobre o papel da literatura caboverdiana:

É Resistência sim, porque para além disso tudo que o põe em contramão é um país incrivelmente belo que estamos a construir. Com falhas, com injustiças, com crimes, mas vamos tentando um país melhor. O meu país chama-se Cabo Verde, mas a ter outro nome esse seria Resistência. As nossas literaturas dão conta disso. São todas elas de resistência. (Salústio, 2023, p. 83)

Em uma conversa com estudantes, em “Falar do amor sem truques”, Dina Salústio é confrontada por não escrever sobre amor em sua obra quando entende, por sua vez, que o amor é o seu tema privilegiado de escrita, ainda que seja de uma “forma torta”, pois não se permite abordar o amor em sua forma arrebatadora conforme as expectativas juvenis. Assume que escrever sobre o amor é difícil, assim como falar sobre ele, e que cuidar de quem se ama e proteger a vida são as maiores provas de amor.

Esse zelo é tematizado, por exemplo, na crônica “Dia da raiva”, em que lamenta o recente falecimento de dois amigos e suplica ao seu público leitor a necessidade de os homens superarem a ignorância e a estupidez para realizarem exames preventivos da próstata. E também em “Vulcão... o fogo dorme”, crônica ambientada em um festival literário com a menção a diversos escritores lá presentes, quando a autora encontra uma definição de Cultura na lembrança de um telefonema do filho que lhe perguntava sobre detalhes de uma tradição familiar para proteção de seu bebê nascido há uma semana: “Compreendi então, que Cultura é memória, é tradição, é magia, mas pode ser apenas Amor” (Salústio, 2023, p. 64).

É uma escrita movida pelo amor também quando, entre os temas recorrentes das crônicas de Dina Salústio, destaca-se a valorização das mulheres. Na única crônica sem título do livro, motivada uma mensagem recebida em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, a autora imagina um abraço que envolva “os espaços ainda sem mapa, gentes esquecidas e marginalizadas (Salústio, 2023, p. 22), sem discriminação e desamor, em torno de ideais como Igualdade, Justiça e Ternura. Com motivação semelhante, na crônica “Uma mulher única”, a autora compartilha o desafio que recebeu em homenagear, no mês de março, uma mulher ou obra de mulher que a tenha marcado. Após considerar algumas possibilidades, decide dar visibilidade às “irmãs mais velhas”, meninas marcadas pela fragilidade que as rodeia e a força que conseguem, de corpos magoados e de almas inquietas, impedidas de estudar para cuidar os irmãos menores. São chefes de família “por acumulação”, uma vez que as mães se veem obrigadas a deixar os filhos em casa para buscar sustento à família.

Na crônica que dá título ao livro, “Uma menina de cristal”, a televisão ligada em um prosaico programa de cantores infantis de domingo desperta a atenção da escritora. Uma das concorrentes, de doze anos, instada a falar de si, claramente desconversava. A tantos sonhos futuros e o carinho pela irmã, é acrescentada uma informação como se fosse uma banalidade: possuía uma doença rara, dos ossos de vidros, que lhe atribuí uma dor constante por todo o corpo. São “às meninas de cristal” que Dina Salústio dedica o livro, talvez pelo exemplo dado pela cantora que, apesar do sofrimento, não se deixou abater, olhou para a irmã e cantou. A música pela voz feminina também é tematizada a partir de um diálogo inesperado no Quênia com um escocês fã da cantora caboverdiana Cesária Évora (1941-2011), que provocou na autora o resgate de uma crônica escrita em 1983. Naquele texto, transcrito em parte na crônica atual, “Nós éramos todos Cesária”, Dina Salústio registra a expectativa e o encanto – alívio e emoção – em assistir ao espetáculo da amiga *Cise*.

Por outro lado, a indignação e a revolta contra as injustiças, especialmente contra as meninas africanas, são registradas em “África, há mais Futuro para lá da Ajudá” e “Hoje sou uma menina do Sudão”. Nestas crônicas, a autora vale-se da comemoração ao dia da África ou da presença de autoridades para denunciar a mutilação genital como crime ainda recorrente contra meninas africanas, ainda que não seja uma prática em Cabo Verde.

No entanto, no Sudão, sinaliza a autora, a estimativa de que 95% das mulheres podem ter sofrido esta violência.

Os textos que compõem *Uma menina de cristal e outras crônicas*, de Dina Salústio, transbordam afetividade, numa “recusa aprender o que é solidão”, como expressa uma de suas crônicas, sobre a busca de sinais vida diante do silêncio estranho da madrugada (Salústio, 2023, p. 59). É uma inquietação, manifesta por constantes questionamentos, ou por digressões que levam de um assunto a outro com uma naturalidade de quem puxa conversa e quer estar junto. São encontros, memórias, causos, amizades e preocupações que tomam forma em livro e convidam-nos, leitores, a nos sensibilizarmos com os olhares sobre as coisas mais simples e não menos importantes das nossas vidas.